

O FENÔMENO RELIGIOSO NA PANDEMIA DA COVID-19

The religious phenomenon in the COVID-19 pandemic

Ivani Coelho Andrade¹
Susan Gabriela de Rezende Ruy²
Maria Catarina Alves Mazuco³
Catia Novaes Kunzendorff⁴
Lucymere Abreu Almeida⁵
Fernanda Emilia Jessuino Bermudes⁶
Isaura Christina Nunes⁷
Hutemberg Ervati Moulin⁸
Alexandre Camelo Tavares⁹

Resumo: O presente artigo propõe um debate crítico sobre como algumas das noções mais centrais do espectro religioso, como luto, morte, fé e comunhão estão sendo

1 Mestra em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local. Professora da Educação Básica. Assessora Técnica da Secretaria Municipal de Educação de Vitória-ES, <https://orcid.org/0000-0002-5506-2693>, ivanicandrade@hotmail.com

2 Mestranda em Ciências das Religiões na Faculdade Unida de Vitória-ES, <https://orcid.org/0000-0002-3235-9312>, renatosr1709@gmail.com

3 Mestranda em Ciências das Religiões na Faculdade Unida de Vitória-ES, <https://orcid.org/0000-0001-6341-7995>, maria.mazuco@edu.vilavelha.es.gov.br

4 Mestranda em Ciências das Religiões na Faculdade Unida de Vitória-ES, <https://orcid.org/0000-0002-9912-1843>, catia.novaes@hotmail.com

5 Mestranda em Ciências das Religiões na Faculdade Unida de Vitória-ES, <http://orcid.org/0000-0002-8255-9603>, lucymereabreu@gmail.com

6 Mestranda em Ciências das Religiões na Faculdade Unida de Vitória-ES, <https://orcid.org/0000-0003-0966-2097>, fernanda.bermudes@hotmail.com

7 Mestranda em Ciências das Religiões na Faculdade Unida de Vitória-ES, <https://orcid.org/0000-0002-9572-4452>, christinaisapuppin@gmail.com

8 Mestrando em Ciências das Religiões na Faculdade Unida de Vitória-ES, <https://orcid.org/0000-0003-1091-9910>, hutembergmoulin@gmail.com

9 Doutorando em Ciência das Religiões pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, <https://orcid.org/0000-0002-5732-5450>, tavaresxandy@yahoo.com.br

compreendidas e significadas no imaginário social brasileiro, durante a pandemia da COVID-19. O enfoque aqui não se direciona a uma religião específica, mas ao fenômeno religioso em si e o impacto da religião na cultura e na prática social.

Palavras-chave: Fenômeno religioso; religião; pandemia da COVID-19.

Abstract: This article proposes a critical debate on how some of the most central notions of the religious spectrum, such as mourning, death, faith and communion, are being understood and given meaning in the Brazilian social imagination, during the COVID-19 pandemic. The focus here is not on a specific religion, but on the religious phenomenon itself and the impact of religion on culture and social practice.

Keywords: Religious phenomenon; religion; COVID-19 pandemic.

Introdução

A pandemia mundial, derivada da dispersão do novo coronavírus (*SARS-CoV-2*), gerou repercussões socioculturais que impactaram diretamente no espectro da religião, bem como os fenômenos que a circundam. Noções como fé, divino, sagrado, luto e outras se debatem ante as adaptações necessárias a este novo cenário cultural, cenário esse que se constrói mediante ao isolamento social, a morte constante e ao caos político-econômico.

Ao se desfazer das concepções dicotômicas, que separam o indivíduo entre mente e corpo (LATOUR, 1994), é cabível considerar como tal cenário sócio-político impacta não somente nas cosmologias que estruturam uma religião, seja ela qual for, mas igualmente como o sujeito pós-moderno está articulando os impactos diários e devastadores da pandemia sobre o bem estar físico e emocional, além da manutenção dos conceitos que definem sua fé.

No Brasil, apenas 8% da população se declara como “sem religião”, sendo 615 mil delas ateias (IBGE, 2010, online). Mesmo para tais é impossível fugir da problemática em questão, a considerar que, dentro de um ponto de vista fenomenológico, o próprio Jung (1970) apresenta o fenômeno religioso como um aspecto psicológico muito importante na construção da psique humana, independente dos conceitos subjetivos que são acionados como verdade.

Nesse sentido, o presente artigo propõe um debate crítico sobre as formas de concepção e conceitos religiosos ante a pandemia da COVID-19, e sua incorporação no imaginário social, ou seja, como algumas noções religiosas se apresentam diante do luto, morte, fé e comunhão estão sendo compreendidas e significadas nesse momento de crise.

1 Interfaces e Paralelos - Imaginário Social e Desafios Socioculturais

“De que forma a religião – um sistema de crenças e práticas – ordena e/ou reordena as ‘certezas abaladas’, que não estão somente em âmbito social, econômico ou político, mas também – e sobretudo – na dimensão da própria existência humana?” (NORONHA, 2020, p. 254). O questionamento inicial do cientista da religião Noronha, na 13ª Carta de Conjuntura da USCS, expande em muitos sentidos as reflexões e apontamentos sobre a questão religiosa durante a pandemia da COVID-19. Se a modernidade já trouxe consigo uma intensa modificação nas cosmologias ocidentais que significam o mundo, os atuais tempos caóticos intensificaram essa questão e, dentro do espectro da religião, práticas e conceitos passam por um constante processo de adaptação e readaptação ao novo cenário cultural.

As adaptações conceituais relativas ao espectro religioso durante a pandemia não se findam na prática de reuniões a distância e transmissão ao vivo de cerimônias, missas e cultos, mas igualmente em narrativas que buscam, assim como apontado por Noronha (2020), ordenar e/ou reordenar as certezas abaladas. Ou seja, entidades e grupos religiosos estão a todo tempo em busca por alinhar a fé e o divino ao medo da morte; ao caos social, econômico e político, além de fomentar perspectivas para um futuro melhor.

Em um viés científico, o pesquisador e psicanalista Sheldon Solomon (2018) aponta para o medo da morte como a chave evolutiva que embasa a existência humana. A noção de uma morte iminente e inevitável se torna o ponto de partida para a elaboração das diversas cosmologias humanas que significam o universo. Dentre elas, as cosmologias religiosas, as instituições que as regem e os conceitos que as compõem.

Longe de invalidar as inúmeras articulações que sustentam o espectro religioso de diversas religiões, ou mesmo apontá-las como algo ficcional, o argumento que aqui se firma é: seja em um ponto de vista antropológico, psicológico ou biológico, o medo e a proximidade da morte reverberam na constituição humana. Quando coletiva, a proximidade da morte causa ainda mais impacto, e quando alinhada aos interditos propiciados pela pandemia da COVID-19 (como a proibição de cultos e velórios), criam questionamentos que não apenas intensificam o cenário de crise quanto o circundam

com uma aura de incertezas e inseguranças, levando a um quadro geral de ansiedade social e a emergência de diversos distúrbios psicológicos em massa (MARI, 2020, online).

Há ainda a face do isolamento social, que muito além de prejudicar a saúde mental ao aumentar a sensação de desespero, solidão e insegurança, se concretiza como o maior “empecilho” para a comunhão entre os semelhantes em fé e seu divino. A fé, por sua vez, parece atuar no direcionamento de um conjunto de práticas e simbologias com o intuito de gerar uma sensação de esperança e alento imediato aos fiéis. Parte da experiência religiosa se concretiza na pluralidade sensorial do sagrado, e em como os conceitos e práticas específicas de cada fé são incorporados e performados pelo grupo, em comunhão com a(as) figura(s) divina(s).

Nesse ínterim, ainda levando em conta a atuação desses conceitos no espectro religioso dentro do imaginário social, é cabível considerar como a adaptação deles interfere na experimentação do sagrado. Não apenas em termos subjetivos, mas igualmente em termos sócio-políticos, considerando a formação do Brasil como um país culturalmente irrigado pelo sincretismo religioso. Além disso, embora laico, o país se sustenta em um sistema jurídico e legislativo que se equilibra de maneira desbalanceada em decisões que valorizam a fé cristã¹⁰.

O que está em jogo, além da segurança e saúde pública em um âmbito geral, são os embates políticos sobre a retomada das atividades religiosas presenciais; a transformação das ideologias que constituem uma fé, bem como suas figuras sacras; e a posição dos sujeitos ante a isto. Como conciliar as proibições que visam o bem estar público com concepções intrínsecas às práticas religiosas? O que fazer quando são elas que tocam em uma parte tão definidora do ser como a morte, o luto e o sagrado? Como dizer às pessoas para não se aglomerarem quando, em uma visão subjetiva, é este o correto tanto para a salvação em vida quanto pós vida? O que será feito da alma então?

10 A defesa destes ideais é fomentada abertamente por três repartições ideológicas na câmara brasileira dos deputados. A bancada evangélica tem ao todo 74 integrantes, mas recebem apoio das bancadas da “bala” e a “ruralista”, somando ao todo 373 dos 513 parlamentares no congresso, ou seja, cerca de 73% deputados estão inscritos em pelo menos um dos três grupos ideológicos que trocam apoio entre si nas decisões parlamentares.

2 Conceitos, políticas e posicionamentos

Assim como fomentado por Noronha (2020) é necessário pensar a relação entre religião e pandemia da COVID-19 de uma maneira mais ampla, para além das medidas cerimoniais temporárias e de seus interditos. No campo sociopolítico, a morte emerge como face maior dos desafios enfrentados, seja pela necessidade de uma adaptação conceitual à própria definição do morrer, ou pelas redefinições simbólicas que a circundam neste momento.

Solomon (2003) aponta o medo da morte como o ponto de partida para a elaboração de qualquer narrativa humana sobre as razões existenciais do universo, além da construção de um ideal de pós vida e um caráter significativo da morte e do morrer. Ou seja, além de motivo evolutivo, se mantendo a perspectiva de Solomon (2003), a relação entre morte e religião remonta a história da humanidade, sendo a religião a fonte das explicações/interpretações cosmológicas sobre pós vida, além de regular a vida em si própria.

O contexto ocidental, no qual o Brasil se insere, é basicamente sedimentado por uma lógica judaico-cristã, que associa o *post mortem* a uma fé monoteísta, na qual a vida se rege dentro de concepções dualistas (vida/morte, bem/mal, sagrado/profano). Mesmo para os indivíduos que se regem fora de tal ordenação, as bases políticas e culturais do país ainda se estabelecem por meio desta, a conceber tanto as missões jesuítas desde o período colonial, bem como o sincretismo religioso, que incorporou e remodelou práticas religiosas diversas à fé cristã. Em outras palavras, a morte no cristianismo é incomunicável com a vida, sendo uma ruptura com o mundo dos vivos e um caminho para o “sagrado” (céu) ou “profano” (inferno). A boa morte depende da maneira como o indivíduo regula sua existência ante aos conceitos dualistas, que se estabelecem no plano cultural em relação com sua fé.

Philippe Ariès (1990) em “*A história da morte no ocidente*” apresenta o ideal de morte como algo interdito que, aliado aos novos modelos de estruturação socioeconômica capitalista, transformam a figura da morte em algo distante e sanitizado. Daí surge uma intensidade incômoda ante ao sentimento de perda, e a simples presença da morte é associada à ruptura do cotidiano, por meio da racionalização deste momento e a instituição

do luto velado, solitário e envergonhado. Até mesmo Freud (2014) em *Luto e Melancolia* retrata o luto estendido como algo patológico, tendo em vista que “o luto deixa de ser, portanto, um tempo necessário cujo respeito a sociedade impõe. Tornou-se um estado mórbido que é preciso tratar, abreviar, eliminar” (ARIÈS, 1990, p. 62).

A pandemia da COVID-19 enquanto fenômeno sociocultural tem a morte como sua face mais evidente. Até quatro de novembro de 2021, apenas no Brasil somam-se mais de 608.235 mil mortes, 164 por dia e 14 mil casos novos em 24 horas (GOOGLE NOTÍCIAS, 2021, online). Em abril de 2020, com um cenário de 120 mortes diárias, em Manaus e em outros estados da região Norte se institui a prática de valas coletivas (LIMA, 2020, online). Em outras localidades do país, quando não impedidos, velórios e missas de 7º dia ocorrem sob diversos protocolos que estabelecem firmes regras tanto para a cerimônia quanto para o sepultamento. Nisto se incluem: caixões tampados; distribuição de senhas para acesso ao túmulo e outras táticas que, mesmo visando a proteção dos familiares, os leva a intensificação da dor e impossibilidade de concretizar a imagem da perda.

Acima de tais fatos, há ainda a ineficiência do Estado Nacional, que desde o início da pandemia falha não apenas em proteger a população, por meio de medidas educativas e sanitárias, mas igualmente fomenta uma política de morte que relativiza ou nega o perigo da contaminação pelo vírus, além da defesa de medicações disfuncionais e, por vezes, vencidas e a recusa da oferta de laboratórios, que permitiriam vacinação em massa em agosto de 2020 (GIOVANAZ, 2021, online). Seguimos atualmente, em 04 de novembro de 2021, com 120.758.718 pessoas vacinadas, o que representa 57,1% da população brasileira (G1, 2021, online).

Ao considerar todo o contexto acima mencionado é possível nos questionar em mesma medida, tanto sobre os impactos na saúde mental e nas expectativas de vida da população, quanto acerca da constante naturalização do cenário de morte na realidade brasileira atual. No campo da psicologia analítica Rocha Pitta (2012) ressalta que, a compreensão cosmológica do ser humano para com o universo passa pelo viés do inconsciente coletivo, em consideração a humanidade, na qual se inserem os indivíduos.

A morte como figura central cria um cenário paradoxal no qual é necessário conciliar o medo de morte repentina (sua ou de entes próximos) e a minimização do luto,

aos padrões pós-modernos que associam a improdutividade e a tristeza comuns a esse momento. Assim, as falhas patológicas que devem ser rapidamente curadas para dar sequência aos esquemas de produção do capital.

No campo da religião, instituições e grupos religiosos se encontram no desafio de criar formas de manutenção da fé e do bem-estar dos fiéis ante a morte constante, além de gerar um campo de experimentação do sagrado que se adeque ao isolamento social e normas sanitárias. A problemática maior gira em torno justamente da rejeição a essa adaptação, aos grupos que se recusam a interromper ou adaptar as reuniões religiosas e recebem incentivo político para isso. Algumas entidades, principalmente cristãs- evangélicas, discursam abertamente sobre a necessidade de cultos presenciais, e ao receberem apoio político e parlamentar (WATANABE, 2021, online). Os ocorridos geraram debates a nível internacional sobre a essencialidade de tais reuniões ante as orientações técnico-científicas de isolamento social (LIMA; CARDIM, 2020, online).

Noronha (2020) aponta para como parte desses grupos se encontram diante “disputa político-ideológica, com aparência de uma disputa “teológica”, que não lhe permite transpor a realidade presente, e suas “querelas”, e dessa forma ponderar sobre o porvir.” (NORONHA, 2020, p. 255). Tal disputa, é fomentada justamente pela evidente necropolítica defendida pelo Estado Nacional e sua abordagem negacionista.

Em contraponto, o autor igualmente considera como outras entidades (cristãs- evangélicas inclusas) defendem a abordagem científica como modo de enfrentamento para a pandemia da COVID-19. Para esses, o intuito é gerar ferramentas que repliquem os ambientes de experimentação simbólico-ritual ou práticas meditativas, de cunho psicológico e/ou religioso para diminuir as angústias e incertezas propiciadas por este cenário caótico. A intenção máxima dessas entidades é criar um ambiente coletivo que tenha em vista o bem-estar geral e o equilíbrio emocional dos fiéis.

Podemos dizer que uma parcela de religiosos está em busca de compreender como o conjunto dos “bens simbólicos”, geridos por suas instituições ou tradições, pode trazer alento imediato aos fiéis, bem como também propor uma perspectiva (de sociedade) para um futuro breve (NORONHA, 2020, p. 255).

Em última nota, é possível retornar à psicologia analítica de Pitta (2012) e ao inconsciente coletivo em relação aos arquétipos que representam a pluralidade cultural do ser humano. Cabe ressaltar ainda a existência de uma concepção imagética do universo por parte do sujeito que passa pelas vias do discurso. Ou seja, é a oralidade e suas figuras representativas que fundam uma cultura; que fundam uma linguagem simbólica que determinam as relações humanas, suas emoções, afetos, lógicas e concepções, e principalmente, as estruturas que organizam a vida cotidiana.

Em suma, a religião como estrutura que age ante a estes fundamentos, no atual contexto pandêmico se estabelece mediante um inconsciente coletivo permeado pela morte constante e por uma construção imagética e discursiva que gira em torno da insegurança, da incerteza e da improdutividade tão condenada (SAHLINS, 1991, p. 278) nos sistemas capitalistas. As práticas sociais e figuras representativas do espectro religioso brasileiro operam por meio de debates políticos e teológicos que hora balanceiam a experimentação do sagrado às medidas protetivas, hora as ignoram em prol da comunhão com seus iguais. A análise destes, portanto, é no mínimo reveladora de diversos fenômenos sociais e seus impactos na cultura de maneira ampla.

Considerações Finais

Em um debate mais amplo, é válido questionar acerca das repercussões práticas e discursivas da pandemia da COVID-19, permeada por cenário de morte constante, que impacta diretamente na linguagem simbólica brasileira. Em uma *live* realizada pelo Sindicato dos Bancários do ABC e a Editora Coopacesso em maio de 2020, membros de diversas entidades religiosas brasileiras (TÓLUAYE et al., 2020, online) se reuniram para debater sobre o tema "*Espiritualidade versus pandemia: um olhar religioso para a covid-19*" e muito além de se restringir ao embate "culto presencial e isolamento social", os integrantes de variadas religiões refletiram profundamente sobre os impactos futuros da pandemia no contexto social. Ideologicamente, espera-se que tal momento de crise sanitária leve a humanidade à reflexão sobre a coletividade e as relações sociais, a fé como medida que leva a empatia e a redução da individualidade tão fomentada pelo capitalismo; um olhar

mais atento ao próximo.

Por outro viés menos ideológico, segue-se a incerteza dos impactos futuros que aos poucos se sedimentam no campo sociopolítico. Não apenas para com as políticas estatais e a atual crise político-econômica que se segue (COSTA, 2018, p. 499-533), mas igualmente em como esse cenário de morte constante irá reverberar na constituição cultural do Brasil. A conceber como tais experimentações, historicamente, já articularam e precederam políticas genocidas e regimes totalitários (ARENDE, 2013), é imediata a necessidade de reflexão de como a religião pode atuar nessas reverberações e contingências, principalmente por meio da instituição de práticas sociais e figuras representativas do espectro religioso que podem se alinhar ou não com determinadas ideologias.

O papel da religião, acima de simbólico, é extremamente político, e rege uma parte fundamental do fenômeno social. A pandemia da COVID-19 e suas repercussões se tornou um marco histórico e ponto de partida para diversas modificações culturais, e é cada vez mais válido a reflexão e o debate sobre tais estruturas, seu impacto e posição das religiões ante a isto, de modo a se aprofundar no questionamento acerca dos conceitos e práticas fomentados. Assim, o futuro está aberto à consideração.

Referências

APRÍGIO, Marcelo. Jornal do Commercio, 25 mai. 2021. Bancada evangélica ameaça ir à Justiça para garantir abertura de igrejas em Pernambuco durante período de maiores restrições. Disponível em <https://jc.ne10.uol.com.br/politica/2021/05/12128170-bancada-evangelica-ameaca-ir-a-justica-para-garantir-abertura-de-igrejas-em-pernambuco-durante-periodo-de-maiores-restricoes.html>. Acesso em: 30 mai. 2021.

ARENDE, Hannah. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ARIÈS, P. *A história da morte no Ocidente* (L. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

BORGES, André. Bancada evangélica pede reabertura de templos para enfrentar 'pandemia

maligna'. *Estadão*, 18 mar. 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,bancada-evangelica-pede-reabertura-de-templos-para-enfrentar-pandemia-maligna,70003238598>. Acesso em: 30 mai. 2021.

CÂMARA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. Inclusão de igrejas e templos como serviço essencial é aprovada em 1º turno. *CMBH*, 6 abr. 2021. Disponível em: <https://www.cmbh.mg.gov.br/comunica%C3%A7%C3%A3o/not%C3%ADcias/2021/04/inclus%C3%A3o-de-igrejas-e-templos-como-servi%C3%A7o-essencial-%C3%A9-aprovada-em-1%C2%BA>. Acesso em: 30 mai. 2021.

COSTA, Sérgio. *Estrutura Social e Crise Política no Brasil. Dados*, v. 61, n. 4, p. 499-533, 2018.

FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA DO CONGRESSO NACIONAL. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=54010>. Acesso em: 30 mai. 2021.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

G1. Mapa da vacinação contra Covid-19 no Brasil. G1, 4 nov. 2021. Disponível em <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/vacina/2021/mapa-brasil-vacina-covid/>. Acesso em: 04 nov. 2021.

GIOVANAZ, Daniel. Política de morte adotada na pandemia dialoga com velhas propostas de Jair Bolsonaro. *Brasil de Fato*, 18 mar. 2021. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/18/politica-de-morte-adotada-na-pandemia-dialoga-com-velhas-propostas-de-jair-bolsonaro>. Acesso em: 30 mai. 2021.

GOOGLE NOTÍCIAS. Mortes por COVID-19 no Brasil. Google Notícias. Disponível em: <https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&mid=%2Fm%2F01gh6z&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419>. Acesso em: 04 nov. 2021.

IBGE. Censo 2010 (Religião). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>. Acesso em: 26 mai. 2021.

LATOURE, Bruno. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34, 1994.

LIMA, Bruna. Em situação crítica, Amazonas faz valas coletivas para mortos por Covid-19. *Correio Braziliense*, 22 abr. 2020. Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/04/22/interna-brasil,846948/em-situacao-critica-amazonas-faz-valas-coletivas-para-mortos-por-covi.shtml>. Acesso em: 30 mai. 2021.

LIMA, Bruna; CARDIM, Maria Eduarda. Brasil está com imagem negativa no exterior por conta da pandemia. *Correio Braziliense*, 2 set. 2020. Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2020/09/4876637-brasil-esta-com-imagem-negativa-no-exterior-por-conta-da-pandemia.html>. Acesso em: 30 mai. 2021.

MARI, Jair de Jesus. Quais os principais efeitos da pandemia na saúde mental? UNIFESP. Disponível em: <https://www.unifesp.br/reitoria/dci/noticias-antiores-dci/item/4395-quais-os-principais-efeitos-da-pandemia-na-saude-mental>. Acesso em: 30 mai. 2021

NORONHA, Claudio Pereira. Religião e COVID-19: reflexões sobre a sociedade pós pandemia. 13ª Carta de Conjuntura da Uscs: Especial Corona vírus 2, São Paulo, p. 253-261, 2020. Disponível em: <https://www.uscs.edu.br/boletim/287>. Acesso em: 30 jun. 2021.

PARIS, Letícia. Sepultamentos de vítimas da Covid-19 restringem despedidas e dificultam superação do luto: 'Fica uma lacuna'. G1, 5 abr. 2021. Disponível em <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2021/04/05/sepultamentos-de-vitimas-da-covid-19-restringem-despedidas-e-dificultam-superacao-do-luto-fica-uma-lacuna.ghtml>. Acesso em: 30 mai. 2021.

ROCHA PITTA, D. P. Impactos do imaginário na organização do cotidiano. In: VICHETTI, S. M. P. (org.). *Psicologia social e imaginário: leituras introdutórias*. São Paulo: Zagodoni, 2012. p. 19-25.

SAHLINS, Marshall. La pensée bourgeoise: western society as culture. In: MUKERJI, Chandra;

SCHUDSON, Michael (ed.). *Rethinking Popular Culture: Contemporary Perspectives in Cultural Studies*. Berkeley: University of California Press, 1991.

SENHORAS, Elói Martins. *COVID-19 e os padrões das relações nacionais e internacionais*. Boletim de Conjuntura (BOCA), v. 3, n. 7, p. 105-110, 2020.

SOLOMON, Sheldon; GREENBERG, Jeff; PYSZCZYNSKI, Tom. *Fear of death and human destructiveness*. The Psychoanalytic Review, v. 90, n. 4: Special issue, p. 457-474, 2003.

TÓLUAYE, ìyá Adriana et al. Roda de Conversa virtual para entender como as diversas religiões compreendem o momento que estamos vivendo. Coopacesso, 15 mai. 2020. Disponível em: <https://fb.watch/5IPLopZ-km/>. Acesso em: 30 mai. 2021.

WATANABE, Phillipe. Veja posições de STF, Bolsonaro, Doria e líderes religiosos sobre a abertura de igrejas na pandemia. Folha de São Paulo, 4 abr. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/04/veja-posicoes-de-stf-bolsonaro-doria-e-cnbb-sobre-a-abertura-de-igrejas-na-pandemia.shtml>. Acesso em: 30 mai. 2021.

Submetido em 18 jun. 2021.

Aprovado em: 27 nov. 2021.